

Salão do Mar

Neste país de extensa costa litorânea, de mar tão vário, de cor e perspectiva aérea, que oferece matizes de cinza e alumínio nos mares do Sul e azul profundo e verde intenso, ornados de tons violáceos e amarelentos, nos horizontes marítimos do Nordeste; neste país de praias tão vestidas de vegetação; de coqueirais abertos em gesto de adeus permanente ou de bem-vinda aliança, de cajueiros derramados no chão, de gameleiras e amendoeiras, é quase indispensável que se tenha todos os anos um salão do mar; um salão de pinturas, de desenhos e gravuras que comuniquem, todos os anos, essa emoção tropical da luz e a beleza imaterial das manhãs sobre águas espessas e avultadas, pois, os nossos mares são luminosos e matinais. E que revelem, não apenas este lirismo e o que dele se denuncia ou se derrama sobre velas brancas de sal e de espuma, mas também todos os aspectos da atividade marítima nos portos ou dos objetivos dessa atividade nos estaleiros, nos armazéns, nos cais de embarque e desembarque, nos serviços, quase rituais, de atracar e desatracar navios; e ainda descubram no fundo das enseadas, das angras e baías, a melancólica poesia de velhos barcos apodrecendo, paralisados no seu naufrágio final, desfeitos, corroídos pelas maresias.

A aparelhagem dos portos é, talvez, em assunto marítimo, aquilo que de mais moderno se possa fornecer à composição de um quadro; de mais moderno e mais rico de forma e proporção; sendo assim é muito justa a surpresa que se experimenta ao ler no último número do *Connaissance des Arts* a declaração da pintora Vieira da Silva. Diz ela que ninguém lhe ensinara a encontrar beleza em objetos de tão imediata utilidade como uma ponte portuária. Vivendo tantos anos na França, tantos, ao mesmo tempo, em presença de pessoas entendidas em “beleza nova”, nunca ninguém lhe dissera que era belo o “transbordador de Marselha”, e foi por si mesma que chegou a esse entendimento, aliás, para razão e merecimento dessa beleza.

A armação dos navios, das pontes rolantes e dos guindastes acompanhada, assistida pelo trabalho humano, constitui uma temática do maior interesse especulativo porque as formas materiais estão aqui animadas de uma vida – o equilíbrio deixando de ser estático para ser dinâmico – e os elementos de ferro erguidos no ar se exprimem numa grandeza de vegetação impetuosa e enérgica, se agitam no tumulto de uma fauna bizarra composta de animais monstruosos de forma e movimento, seres estranhíssimos de aspecto e comportamento e tão inesperados que se poderia pensá-los saindo de uma mitologia nova.

Ao longo do cais se arrastando lentamente ou mergulhando no fundo dos porões os seus longos pescoços em treliça de nervos metálicos, os guindastes se afanam em trazer para a terra e para o claro do dia todo esse minério arrancado das distâncias, dos rigores e dos labores de raças e gerações.

É com a consciência bem posta nessas coisas que registramos nestas linhas a abertura do “Salão do Mar”, iniciativa do Serviço de Documentação do Ministério da Viação e Obras Públicas; se é verdade que no conjunto das obras expostas existe uma mistura de todos os estilos, desde os mais secamente acadêmicos até às concepções mais extravagantes por conta da Escola de Paris, parece que, por outro lado, o certame foi mais uma oportunidade para a livre manifestação do espírito de nossos artistas, sobressaindo-se alguns deles de modo notável. Em meio a muitos quadros acadêmicos e abstracionistas pintados ou desenhados com a mesma aridez de coração, aparecem trabalhos assinados por Djanira, Frank Schaefer, Ana Leticia, Fayga Ostrower, desenhos de Renina Katz e Geza Heller, gravuras de Rossini Perez, Thelma Barreiros, Ismênia Coaracy, Vera Tormenta e Darel Valença, que de certo modo mantêm com vários outros artistas não presentes à exposição, no momento atual das artes

plásticas no Brasil, esse dualismo sagrado de sentimento e razão que sempre foi em todos os tempos a verdadeira estrutura das obras de arte duradouras.

Teve assim o Salão do Mar a colaboração de alguns dos nossos artistas de indiscutível merecimento, muito embora em nenhum deles se sinta essa atração e sedução do mar, que talvez legitimamente só agora se encontre na obra admirável de Pancetti. Obra que, com a instalação desta mostra adquire uma força de atualização e de verdade, de vida e serenidade, impulso franco, sincero, e congênito de um grande temperamento.

A comissão julgadora do Salão do Mar escolheu com acerto, pelo menos com o acerto possível nesse gênero de julgamento, os seis trabalhos mais merecedores dos prêmios concedidos.

O primeiro prêmio de Pintura foi atribuído ao *Cais da Praça XV*, da autoria de Maria Laura Radspieler, e o segundo a Pablo Buchard Filho, pelo seu trabalho *Barco Vermelho*; os prêmios conferidos à seção de desenho pertenceram a Abelardo Zaluar, *Navio nº 1*, e a Renina Katz, *Barcos*; dois prêmios também foram destinados para a seção de gravura, cabendo o primeiro a Vera Tormenta pelo seu *Estaleiro* e o segundo a Darel Valença pela sua gravura *Convés*.

Dos trabalhos premiados, o da pintora é uma composição em verde e vermelho claro, com valores assinalados de cor e textura, o de Buchard Filho organizado de modo diferente, se mantém numa ordem mais unida e recôndita; os desenhos de Abelardo Zaluar e Renina Katz são de uma coerente e louvável mestria; as gravuras confirmam o talento de dois jovens que se vêm apurando nessa técnica difícil, e que estão contribuindo para a boa fama de nossa arte gráfica.

1958